

## RESENHA

### ALAGOAS: Gênese, identidade e ensino

---

Camila Ferreira da Silva (UFAL)  
ferreira.camilasilva@gmail.com

#### RESUMO:

Este trabalho é uma resenha da obra da historiadora e educadora Leda Almeida "Alagoas: gênese, identidade e ensino". A importância deste livro se expressa tanto na obra completa da autora, quanto no exercício intelectual de compreensão da relação entre a história do estado de Alagoas, dos alagoanos e dos modos como estes se relacionam com a sua própria História. O movimento do livro lança luz sobre as bases da formação do estado de Alagoas e, para isto, Leda Almeida envereda pelos seguintes temas: a unificação dos Estados Nacionais europeus; a formação do Estado Nacional brasileiro e sua relação com a história de Alagoas; as representações em torno de Alagoas e o ensino de história nas escolas públicas. Somos levados a colocar em xeque as representações estereotipadas que circundam a discussão sobre a construção de uma "alagoanidade" frente à história deste estado.

**Palavras-chave:** Alagoas; Identidade; Ensino de História.

**DOI:** 10.28998/2175-6600.2013v5n10p256

***“Em Alagoas há duas coisas que permanecem: a miséria e o vento do mar”***  
(IVO, 1976, p. 3)

É com esta epígrafe que Leda Maria de Almeida dá início ao livro aqui resenhado, *Alagoas: gênese, identidade e ensino*. Maceió: EDUFAL, 2011. As palavras de Lêdo Ivo (1976) são tomadas de empréstimo pela autora para demonstrar a complexidade de refletir sobre a construção de um sentimento de alagoanidade frente às desigualdades e contradições que marcam esta sociedade.

Este livro deve ser entendido no conjunto da obra da historiadora e educadora em questão – graduada em História, especialista em Filosofia e mestre em História pela Universidade Federal de Alagoas; doutora em Educação pela Universidade Federal

## Debates em Educação

de Pernambuco, com pós-doutorado em Interculturalidade na Universidade Aberta de Lisboa. Desde o final da década de 1990, Almeida tem demonstrado interesse pela história de Alagoas, com especial atenção à cidade de Maceió. É facilmente percebido, nas pesquisas e publicações da autora, um exercício reflexivo-relacional que busca observar em que medida a reverberação acerca da história deste estado pode lançar luz ao modo como se materializa o ensino de história de Alagoas nas nossas escolas públicas. Alguns dos próprios títulos de seus livros são capazes de sintetizar tal preocupação, a saber: *A história de Maceió para crianças* (1998), *História de Alagoas em quadrinhos* (2001) e *O que é Maceió em quadrinhos* (2002) pela Editora Catavento; *Maceió de Acoradouro a cidade* (2007) pela editora Cortez; *Alagoas: gênese, identidade e ensino* (2011) pela EDUFAL; *Labirinto de águas: Imagens literárias biográficas de Lêdo Ivo* (2011) também pela editora Catavento.

Depois de mais de uma década de investigações acerca da história do estado de Alagoas, Almeida incorpora neste novo livro reflexões derivadas da sua investigação de doutorado e pretende – como ela própria indica na introdução – **instigar, fustigar, tocar e mexer**. A intenção da autora consiste, então, em contribuir para um repensar o ensino de história de Alagoas, com especial atenção à construção da identidade cultural dos alagoanos numa perspectiva crítica (ALMEIDA, 2011). A arquitetura do livro é expressa em quatro capítulos, os quais acabam por conceder materialidade ao seu subtítulo *gênese, identidade e ensino*.

O primeiro capítulo – intitulado *Na mina do conhecimento: Rebobinando séculos* – traz à tona uma discussão sobre a formação dos Estados Nacionais modernos na Europa. Para isto, a autora nos transporta à sociedade medieval e demonstra como esta sociedade foi sendo transformada ao ponto de gerar uma configuração social que possibilitou a construção de um novo modelo societário, do qual o Estado é figura central. Tal discussão é acompanhada pela apresentação de tipificações do Estado importantes para o movimento de compreensão das justificações e das críticas ao Estado capitalista, nomeadamente: o Estado Absolutista; o Estado Liberal; o Estado segundo Rousseau, Hegel, Marx e Gramsci; e o Estado capitalista na visão da Escola de Frankfurt.

## Debates em Educação

*A formação do Estado Nacional brasileiro* é o título do segundo capítulo, o qual concentra um esforço correlacional que Almeida empreende na busca por atar as pontas da História: do Absolutismo português à gênese do Estado Nacional brasileiro, mediados pelas ações da Igreja Católica. Em quatorze páginas breves, a autora é capaz de apresentar ao leitor as principais características da gerência do Brasil – da Colônia à Ditadura militar – e da consequente consolidação do Estado Nacional. Autores como Manoel Albuquerque (1981), Raymundo Faoro (2000) e Mário Maestri (2005) são chamados à discussão e auxiliam a pintar o cenário histórico e cultural no qual foi possível a constituição do Estado em terras brasileiras.

O desdobramento desta interlocução gera, pois, o terceiro capítulo: *A formação do Estado de Alagoas*. A autora inicia este capítulo afirmando que a origem do Estado de Alagoas está vinculada ao “[...] projeto expansionista do Estado absolutista português empenhado em ampliar suas bases econômicas além de suas próprias fronteiras” (ALMEIDA, 2011, p. 77). Com esta premissa, o capítulo esboça aspectos pertinentes às seguintes questões: a gênese do estado de Alagoas; sua historiografia; seu espaço socioeconômico e político; seu povo; e suas representações. A riqueza deste capítulo consiste na capacidade de aglutinação de trabalhos de renomados historiadores alagoanos (Moreno Brandão, Craveiro Costa, Diegues Junior, Dirceu Lindoso e muitos outros) e, sobretudo, na articulação entre os diversos modos de representação do estado de Alagoas e o processo de construção de uma identidade própria do povo alagoano – o que a autora denomina de “(in) tensa alagoanidade”.

O último capítulo do livro é denominado *Alagoas no ensino de história*. Nele o leitor se depara com os discursos dos sujeitos da pesquisa de doutorado de Almeida: professoras de história de escolas públicas alagoanas. É por meio destes discursos que o livro ganha movimento e que as ligações entre os capítulos anteriores ganham centralidade na obra. A partir da análise de entrevistas a pesquisadora chega à conclusão que o estado de Alagoas é afirmado na escola, sobretudo: a) pela ausência, uma vez que não é contemplado pelos livros didáticos adotados (fato apontado pelas entrevistadas como o principal obstáculo para tratar de Alagoas nas aulas de história); b) sob a forma monolítica, imobilizadora e ainda sob o signo da estagnação, pois os

## Debates em Educação

problemas históricos (coronelismo, corrupção, poluição, entre outros) são tomados como elementos perenes neste estado; c) ou ainda pela retórica da exaltação das belezas naturais, com a qual as professoras buscavam ocultar os problemas sociais que atualmente assolam a sociedade alagoana.

A autora busca levar o leitor a refletir sobre as possíveis explicações causais destas formas de afirmação de uma identidade relativa ao estado de Alagoas no contexto escolar. Neste sentido, três argumentos são apontados como possíveis elementos determinantes para esta configuração representativa, são elas: as próprias histórias e experiências escolares das professoras entrevistadas, as quais podem servir de peça-chave para entendermos que o modo de enxergar o estado de Alagoas não foi construído da noite para o dia; o caráter acrítico que marca o ensino de história; e, por fim, os processos de representação do estado e construção da identidade do povo alagoano.

A problemática inicial do livro – ligada à busca por respostas explicativas para a gênese, a identidade e o ensino de história em Alagoas – é retomada, neste contexto, a partir de elementos teóricos e práticos [talvez pudéssemos até denominar de *práxis*] capazes de colocar em xeque os estereótipos simplistas já consolidados em torno da identidade dos alagoanos. As ações pedagógicas das professoras entrevistadas são tomadas como subsídios para compreender o movimento que se estende destas ações pedagógicas às construções identitárias dos estudantes. Almeida desconstrói o mito da neutralidade da prática educativa e questiona-se – ao passo que provoca o leitor a refletir – acerca das representações sociais que estão sendo produzidas no espaço escolar relacionadas a Alagoas.

Não se trata de uma culpabilização dos docentes de história, tampouco dos livros didáticos ou das instâncias maiores ligadas à gestão educacional. Trata-se de problematizar aquilo que é tomado como natural, como pronto, aquilo que parece não ser questionado ou desconstruído: a negação de uma alagoanidade crítica.

Sendo assim, concordo com Elcio de Gusmão Verçosa (2011) que, ao prefaciар este livro, afirma que

## Debates em Educação

Leda Almeida nos oferece uma chave para a compreensão do drama da maioria em se sentir alagoano (a) e aponta-nos pistas para escapar do corredor estreito em que, por séculos, têm as oligarquias modernas, tal qual as arcaicas, encurralado a nossa gente como na vergonha perpétua de si própria (VERÇOSA, 2011; ALMEIDA, 2011, p. 12).

Ademais, o livro possui o mérito de correlacionar processos aparentemente distantes de formação dos Estados moderno europeu, brasileiro e alagoano. E, com isso, permite um olhar atento aos desdobramentos da História como elementos importantes para compreender determinada realidade atual. É verdade que, neste sentido, o movimento interno entre os três primeiros capítulos do livro é bastante ousado e de enormes proporções, o livro, neste sentido, não esgota esta discussão, ele nos oferece, portanto, inquietações no sentido de ir além da própria obra para compreender profundamente processos tão complexos.

A amplitude de séculos e de distâncias entre as realidades históricas europeia, brasileira e alagoana (que emergem dos capítulos um, dois e três) nos aponta um limite no exercício que a autora buscou realizar por meio de tais capítulos. Como contemplar tamanha amplitude em um único livro? Que correlações entre os Estados Nacionais europeus, o Brasil e ainda Alagoas podem lançar luz sobre a realidade alagoana e seus processos de formação? Estes questionamentos expressam o quanto este livro não possui um fim em si mesmo.

Trata-se, portanto, de uma obra que deve interessar aos alagoanos de uma maneira geral e a todos aqueles que procuram entender as relações entre Estado, Educação, Representações e Identidade no contexto de Alagoas. Sua linguagem, que combina rigor científico e um modo de escrever bastante poético, além das referências – que se transformam em verdadeiras indicações de leitura – fazem deste livro um importante artefato de conhecimento acerca do estado de Alagoas, dos alagoanos e dos modos como estes se relacionam com a sua própria história.

### Referências

ALBUQUERQUE, M. M. **Pequena história da formação social brasileira**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

## Debates em Educação

ALMEIDA, L. M. **Maceió de Ancoradouro a cidade**. São Paulo: Editora Cortez, 2007.

\_\_\_\_\_. **Alagoas: gênese, identidade e ensino**. Maceió: EDUFAL, 2011.

\_\_\_\_\_. **Labirinto de águas: Imagens literárias biográficas de Lêdo Ivo**. Maceió: Edições Catavento, 2011.

ALMEIDA, L. M.; LIRA, S. **A história de Maceió para crianças**. Maceió: Edições Catavento, 1998.

DOUGLAS, A.; ALMEIDA, L. **História de Alagoas em quadrinhos**. Maceió: Edições Catavento, 2001.

DOUGLAS, A.; ALMEIDA, L. **O que é Maceió em quadrinhos**. Maceió: Edições Catavento, 2002.

FAORO, R. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. 10. ed. São Paulo: Globo/ Publifolha, 2000.

IVO, L. **Alagoas**. Rio de Janeiro: Bloch, 1976.

MAESTRI, M. **Submissão e autonomia: apontamentos sobre a gênese, a formação e crise do Estado nacional no Brasil**. Revista espaço Acadêmico, n. 55, ano V, dez. 2005. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/055/55maestri.htm>.

VERÇOSA, E. G. Prefácio. In: ALMEIDA, L. M. **Alagoas: gênese, identidade e ensino**. Maceió: EDUFAL, 2011. p. 7-12.